



EDITORA PERSPECTIVA



A ESCOLA FRANCESA DE GEOGRAFIA

Uma Abordagem Contextual

Vincent Berdoulay

Geografia

12,5 x 22,5 cm

280 páginas

ISBN 978-85-273-1105-2

R\$ 59,90

PREVISÃO LANÇAMENTO

15 jul. 2017



O HOMEM INTERFERE NA NATUREZA

Admitir a transformação da natureza pelo homem, contradizendo a noção darwinista clássica de que dadas as condições ambientais temos de nos adaptar, inaugurou uma nova e radical forma de pensar

Não foi pouca coisa. A Escola Francesa de Geografia foi um marco para os estudos do ambiente, ao introduzir noções como as de geografia humana e social. A partir desse momento, não existe mais a Natureza como fator absoluto. Agora, ela é passível de transformação e manipulação, às vezes radicais, pela ação do homem.

Noções que hoje nos permitem falar de contrapartidas ambientais para obras de engenharia de grande vulto, bem como alertar para os perigos de nossas ações para distúrbios de clima e ecossistemas em nível planetário.

SAIBA MAIS:

O período de formação da escola francesa situa-se entre duas crises importantes – as guerras de 1870 e 1914 – e corresponde à instalação progressiva de um novo regime político na França, a Terceira República, que implicou um ajustamento fundamental das bases ideológicas da vida social.

Foi também uma época em que um interesse sem precedentes pelas questões geográficas se apossou de um amplo setor da população, favorecendo a acumulação de uma grande quantidade de informações sobre o globo, em geral, e sobre o território nacional, em particular.

Ao mesmo tempo, a geografia se implantou com uma rapidez impressionante, não somente na universidade como em todos os programas de ensino primário e secundário.

TRECHO:

Contribuições recentes sobre o estudo das relações entre as ideias científicas e aquelas correntes na sociedade têm sido feitas jogando luz sobre a dimensão humana da ciência. É dessa forma que se tem insistido sobre as descontinuidades na evolução das teorias científicas ou sobre a natureza social e cognitiva da pesquisa. Se a interpretação e a apresentação dessas ideias por Kuhn foi muito popular entre os geógrafos, nenhuma aplicação séria delas foi feita à geografia. Isso não é surpreendente, na medida em que há muitas dificuldades de ordem histórica e epistemológica na própria noção de paradigma para que se possa aplicá-la a um campo particular e limitado da pesquisa, sobretudo nas ciências humanas (que o próprio Kuhn não leva em consideração em seu modelo). Contudo, a pertinência da contribuição de Kuhn tem por objeto sua demonstração das dimensões cognitiva e social da ciência e de sua evolução. Ela não vai, entretanto, muito longe, no sentido de que não fornece o meio de situar a ciência no contexto mais global da sociedade. Outras contribuições estão mais perto disso, tais como aquelas de Georges Gusdorf sobre os “modelos de inteligibilidade” de uma época ou aquelas de Michel Foucault sobre “a episteme” sustentando o trabalho científico.

Como o objetivo permanece sendo de captar os laços entre o progresso científico e seu contexto social global, certa assistência é fornecida pela sociologia das ciências. Esta nova área de interesse, por intermédio do estudo das comunidades científicas, da resistência às inovações e da organização da pesquisa e do ensino em diversos países, tenta identificar quais são as condições mais favoráveis ao desenvolvimento da ciência. De modo geral, essa ênfase colocada nos fatores externos do desenvolvimento científico é muito excessiva para explicar a evolução do pensamento geográfico.

[...] Essas pesquisas foram bem mais além e pôde-se perceber aí, progressivamente, como a preocupação com a ação e a importância atribuída ao meio favoreceram o surgimento de um pensamento reformador original. Ele se concretizou, muito particularmente, em certos temas. Entre aqueles com preocupações geográficas, observou-se o aménagement florestal, portador de toda uma filosofia do desenvolvimento local, próxima da exploração social da floresta e favorável a uma tomada em conta das especificidades do meio. Uma perspectiva análoga inspirou os reformadores da cidade: os inícios da institucionalização do urbanismo como profissão lhes deviam muito, senão o essencial, mesmo com os vidalianos fazendo aí sua parte.



VINCENT BERDOULAY

Professor emérito de geografia da Université de Pau et des Pays de l'Adour e membro do Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS), além de presidente honorário da Comissão de História da Geografia da União Geográfica Internacional e da União Internacional de História e Filosofia da Ciência. Suas pesquisas abarcam a história da ciência, a epistemologia, o planejamento territorial e urbano e a geografia cultural.

LEIA TAMBÉM



O HOMEM E A TERRA
Natureza da Realidade
Geográfica

Eric Dardel

Geografia • 176 páginas
ISBN 978-85-273-0924-0
R\$ 47,00



QUAL O ESPAÇO DO LUGAR?
Geografia, Epistemologia,
Fenomenologia

**E. Marandola Jr., W. Holzer e L.
de Oliveira (orgs.)**

Geografia • 328 páginas
ISBN 97-885-273-0959-2
R\$ 49,00



VER A TERRA
Seis Ensaios Sobre a Paisagem
e a Geografia

Jean-Marc Besse

Geografia • 120 páginas
ISBN 978-85-273-0755-0
R\$ 38,00